

## Perfil e Perspectivas da Literatura Francesa Traduzida no Brasil

Doutoranda Josely Bogo Machado SONCELLA<sup>1</sup> (UEL)

### **Resumo:**

*A teórica Pascale Casanova (2002) aponta a existência de uma “república mundial das letras”, ou seja, um campo literário internacional regido por leis próprias, bastante distinto do mapa político internacional. O Brasil, apesar de todo um sistema literário estabelecido e a despeito de sua Literatura consagrada nacionalmente, situa-se na periferia desse campo literário internacional, pois não possui o capital literário acumulado que possa lhe trazer o reconhecimento internacional, reconhecimento que segue regras tais como antiguidade, volume, crédito do autor ou do tradutor, status da língua, entre outras. Em nossa pesquisa de doutoramento, buscamos realizar um levantamento da literatura francesa traduzida no Brasil nos últimos dez anos, a fim de refletir sobre as relações de troca entre esses dois países, tendo em vista aspectos histórico-culturais, sem esquecer das forças econômicas do âmbito nacional e internacional que regem esse intercâmbio.*

**Palavras-chave:** história, literatura francesa traduzida, periferia, sociologia da tradução

A literatura traduzida ainda recebe pouco ou quase nenhum destaque na história da literatura brasileira, apesar de compor quase 30% do que é publicado atualmente pelo mercado editorial. Semelhante invisibilidade se dá também ao tradutor, ainda que este seja capaz de influir na constituição e no desenvolvimento da literatura do país. Nas histórias literárias, a literatura traduzida raramente aparece, ainda que boa parte de nossos autores tenham se formado a partir da leitura de textos traduzidos. De acordo com Guerini et alii (2008), a importância da literatura traduzida geralmente depende do estado de desenvolvimento em que se encontra a literatura nacional e do contexto histórico próprio. A tradução assume, então, papel secundário em literaturas bastante desenvolvidas, uma vez que o sistema cultural em que se insere é ordenado e central. Ao contrário, em literaturas menos estruturadas, o “subsistema literatura traduzida” (2008, p.9) usualmente possui mais peso, pois tais literaturas costumam ser mais receptivas às inovações.

A língua a partir da qual mais se traduz no Brasil é, obviamente, o inglês, com cerca de 70%, seguida do francês, com apenas 10% desse mercado. A teórica Pascale Casanova (2002) afirma que determinadas culturas são mais abertas a outras e por isso importam mais textos literários, fato que pode também atestar a posição central ou periférica do país. Segundo tal pensamento, no Brasil, a importação de livros seria mais frequente. Contrariamente, países centrais importariam menos e exportariam mais, como acontece com os Estados Unidos e a Inglaterra. Entretanto, isso não acontece com a Alemanha e a França, países que, não obstante sua condição central, preservam sua abertura a culturas estrangeiras e realizam um número significativo de traduções. Segundo dados de Torres (2007, p.18), os alemães traduzem cerca de 17% do volume mundial, a seguir os países de língua espanhola, com 12% e os de língua francesa, com 11% das traduções.

Para explicar essas diferenças, Casanova aponta a existência de uma “república mundial das letras”, ou seja, um campo literário internacional regido por suas próprias leis, bastante distinto do mapa político internacional. Paris, espécie de capital literária de tal república, é o lugar que concentraria grande crédito e prestígio literários, ou seja, espaço a partir do qual se poderia ou não consagrar a literatura de determinado país. O tradutor é, portanto, um criador de capital literário para seu país, pois é responsável pelo intercâmbio cultural entre as nações, cada qual com seu capital literário próprio, mas todas desejando participar e se destacar dentro da tal república.

Nem sempre, como vimos, essas trocas se estabelecem de forma equilibrada. O Brasil, apesar de todo um sistema literário estabelecido e a despeito de sua Literatura consagrada nacionalmente,

situa-se na periferia desse campo literário internacional, assim como outros países da América Latina, pois não possui o capital literário acumulado que possa lhe trazer o reconhecimento internacional, reconhecimento esse que segue regras tais como antiguidade, volume, crédito do autor ou do tradutor, status da língua, entre outras. Para exemplificar, segundo Marie-Hélène Torres (GUERINI et alii, 2008, p.31), um levantamento dos livros brasileiros traduzidos na França nos anos 60 ainda traz como tema principal a abundância dos trópicos, tendo o indígena como personagem colonizado e convertido ao catolicismo. A seguir, a autora demonstra, através de dados de sua pesquisa, como o Brasil evoluiu no campo literário internacional, ainda que a maior parte das traduções realizadas na França, durante algumas décadas, tenha custado a reconhecer a autonomia da literatura brasileira.

Neste trabalho, procuramos enfocar a literatura francesa traduzida no Brasil. É sabido que as relações entre os dois países já devidamente mapeadas remontam à época do descobrimento, pois inúmeras vezes a França fez tentativas de colonizar o Brasil. Desde os tempos da colonização portuguesa, a corte aqui instalada espelhava-se idealmente na corte francesa. Persistiu esta influência durante o Romantismo e também ao longo do Modernismo, principalmente através dos movimentos de Vanguarda. Em tais momentos, embora de visões bastante distintas, o Brasil buscava se afastar do colonizador português e mirava-se ainda mais no modelo francês.

Vale lembrar que o estudo da língua francesa, obrigatório nas escolas desde o século XIX até algumas décadas atrás, possibilitava um contato com a língua e com a cultura francófonas mais assíduo. Os estudantes eram então capazes de ler a literatura francesa no original. Após a Segunda Guerra Mundial, a França começa a perder o prestígio internacional e acaba sendo substituída pelos Estados Unidos no mapa político internacional. Cada vez mais dependente comercialmente dos americanos, o Brasil direcionou o interesse pelo aprendizado de uma língua estrangeira para o inglês. Assim, o contato com a língua e a literatura francesas diminuiu de forma progressiva, sendo, em grande parte, hoje possível apenas a partir de traduções. Como já apontado acima, de acordo com Casanova, a França, em virtude de seu extenso capital literário acumulado, é um país central dentro do campo literário internacional. Ainda assim, sua literatura é pouco traduzida no país em relação à língua inglesa, e algumas das razões históricas para isso já forma apontadas. Buscamos realizar, em nossa pesquisa de doutoramento, um levantamento da literatura francesa traduzida no Brasil nos últimos dez anos, a fim de refletir sobre as relações de troca entre esses dois países, tendo em vista aspectos histórico-culturais, sem esquecer das forças econômicas do âmbito nacional e internacional que regem esse intercâmbio.

Dantas (2007) questiona até mesmo a existência de um mercado e de editores empenhados na publicação de traduções de obras de literatura francesa no Brasil, em virtude do lugar preponderante que ocupa a língua inglesa e a indústria cultural americana no contexto brasileiro e internacional. Segundo a autora, é possível constatar a “assimetria que rege as trocas culturais entre os países, fundada na lógica de uma economia de bens simbólicos.” (2007, p.40)

A estudiosa aponta igualmente a preocupante e progressiva união do mercado internacional de edição, denominada de “globalização editorial”, ou seja, a “multiplicação dos grandes conglomerados de editoras e de livrarias” (DANTAS, 2007, p.40), fenômeno que também ocorreu no Brasil, sobretudo no fim da década de 90, com a coligação de várias editoras em grupos maiores.

Em termos quantitativos, apesar de ter ocorrido, no Brasil, em 2009, o Ano da França – evento que a princípio deveria ter incrementado as trocas culturais entre os dois países –, a quantidade de traduções de literatura francesa traduzida aponta para uma diminuição na última década de acordo com os resultados iniciais de nossa pesquisa que a seguir explicitamos.

No levantamento de dados para a pesquisa, utilizamos, inicialmente, como base, o site da Unesco que disponibiliza uma bibliografia das publicações traduzidas em mais de cem países: o

*Index Translationum – Bibliographie mondiale de la traduction.*<sup>1</sup> O banco de dados é formado por informações enviadas a partir das bibliotecas nacionais dos países envolvidos. Embora não contenha informações completas, trata-se da única bibliografia internacional de traduções. Anualmente, as bibliotecas nacionais da quase totalidade dos estados membros da UNESCO enviam os dados dos livros traduzidos publicados em todas as áreas. Criado em 1932, o site apresenta indicativos numéricos a partir de 1979. Os dados anteriores são acessíveis apenas na versão impressa na Biblioteca da UNESCO, em Paris, e em outras bibliotecas depositárias da instituição.

Segundo informações do próprio site, o *Index Translationum* contém mais de 2 (dois) milhões de registros em todas as disciplinas, a saber: Literatura, Ciências Sociais e Humanas, Ciências Exatas e Naturais, Arte, História, entre outras. Trata-se de uma ferramenta indispensável para pesquisadores de todas as áreas que necessitem de dados sobre livros traduzidos.

Para a coleta de dados, o site disponibiliza um formulário de busca com os seguintes determinantes: autor, palavra do título original ou do traduzido, língua de origem, língua de tradução, país, lugar (cidade), editor, tradutor, responsável de edição, assunto, ano de publicação e período (do ano X ao ano Y). A rubrica “assunto” apresenta as seguintes disciplinas assim subdivididas: Generalidades, Bibliografia; Filosofia, Psicologia; Religião, Teologia; Direito, Ciências Sociais, Educação, Ciências Exatas e Naturais; Ciências Aplicadas; Artes, Jogos, Esporte; Literatura; História, Geografia, Biografia.

Na recolha das informações, contudo, algumas limitações foram encontradas. Relativamente ao Brasil, o site disponibiliza dados até o ano de 2007, uma vez que os dados provêm dos próprios países envolvidos, nem sempre as informações são fornecidas de maneira regular. Segundo aponta Torres (2007, p.20), o site infelizmente “reproduz o atraso da recuperação nos dados transmitidos pelas bibliotecas nacionais”, fato comprovado a partir do Brasil, onde as informações fornecidas constam apenas até o ano de 2007. Para completar a pesquisa até o ano de 2010, foi necessário recorrer aos sites de editoras e livrarias para levantar os livros publicados nos anos faltantes.

Outro problema encontrado é que, apesar de as informações serem apresentadas segundo a área e o campo Literatura ter sido assinalado, vários livros que não pertencem a esse domínio apareceram na listagem. Eventualmente, autores não franceses também constam da listagem. É o caso, por exemplo, do conhecido livro **Drácula** (2004) de Bram Stoker, ou ainda, **A ignorância** (2002), de Milan Kundera, livros traduzidos a partir da versão francesa. Percebemos ainda que alguns livros não constavam dos dados levantados no site. Citaremos também duas obras a título de exemplo: **O baile das Lobas** (2004), livro em dois volumes de Mireille Calmel, e **Enfim Juntos** (2006), de Anna Gavalda, publicado pela editora Rocco. Tais fatos conduziram a uma filtragem dos títulos e um novo cálculo para cada ano.

O livro de Mireille Calmel, *best-seller* que vendeu mais de 700 mil exemplares na França, foi traduzido para o português por Maria Helena Rouanet, recebeu uma edição bastante cuidadosa por parte da Nova Fronteira e teve mais de uma reimpressão. Já **Enfim Juntos**, de Gavalda, fez tanto sucesso em terras francesas que foi transformado em filme, tendo Audrey Tautou como protagonista. Levando-se em conta que outros livros das mesmas editoras constam do levantamento realizado no site, no período em questão, o fato dos volumes acima citados não aparecerem no *Index Translationum* demonstra que a base de dados não é alimentada de modo regular pela Biblioteca Nacional, ainda que apareçam no catálogo disponível *on line*.

O levantamento realizado para a presente pesquisa revela os autores mais lidos, os tradutores com mais obras publicadas, os gêneros editados e os editores que publicam obras de literatura francesa, entre outros.

---

<sup>1</sup> [http://portal.unesco.org/culture/fr/ev.php-URL\\_ID=7810&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/culture/fr/ev.php-URL_ID=7810&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)

Apresentaremos, a seguir, os resultados parciais da pesquisa. Entre os autores mais publicados destacamos Christian Jacq, Cathérine Clément e Patrick Girard. Todos os três autores têm em comum o reconhecimento do público e o consequente sucesso de vendagem. Na comparação entre “literatura culta” e a tão propagada “literatura de massa”, Muniz Sodré, em *Best-seller: a literatura de mercado* (1988), pontua que nesta última, “seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado”. Em se tratando de traduções, constata-se que o mercado define a escolha dos livros a serem traduzidos e que poderão gerar uma grande venda, mas este é, ao mesmo tempo, regulado pelo gosto de um público leitor. Assim, as escolhas das editoras recaem preponderantemente sobre livros que obtiveram recordes de venda no país de origem, mas nem sempre o público brasileiro se agrada dos sucessos franceses, e muitos dos livros publicados não passam da primeira impressão.

Voltando aos autores acima mencionados, as obras possuem em comum a reescrita ficcional da história e de seus personagens. Christian Jacq, egiptólogo renomado com doutorado pela Sorbonne, publicou uma série de cinco livros sobre o faraó Ramsés. Os vários volumes recontam a história de Ramsés desde a infância até o fim de sua vida, misturando dados reais aos fictícios, fórmula, ao que parece, de grande sucesso igualmente em alguns famosos autores americanos. Os livros venderam mais de 500 mil exemplares no Brasil e figuraram várias semanas entre os mais vendidos da Revista *Veja*. Também sua série *A Pedra da Luz*, logo após seu lançamento em 2000 já aparecia no topo da lista.

Cathérine Clément, historiadora, também passou para o campo da ficção. Seu romance mais publicado no Brasil se chama **A viagem de Théo**: romance das religiões. Assim como Jacq, Clément é profunda conhecedora do assunto sobre o qual escreve. Publicado pela primeira vez no Brasil em 1998, pela Companhia das Letras, o livro teve cerca de 19 (dezenove) reimpressões até o ano de 2004, números que certamente atestam a aceitação do livro no Brasil.

Christian Girard, também historiador, interessa-se pelo período dos anos 200 a.C. e retrata em sua Trilogia de Cartago, os personagens Aníbal, Asdrúbal e Amílcar. A semelhança entre os autores de maior vendagem chega a ser curiosa e aponta uma grande tendência entre o público brasileiro, o da releitura da história através da ficção. Há ainda um certo interesse pelo místico, uma vez que todas essas obras contêm esse traço.

Além de autores reconhecidos pelo mercado literário, existe também a publicação de autores pertencentes à tradição literária, ainda que não sejam tão numerosas. Dentre eles encontramos, por exemplo, Jules Verne, Balzac, Albert Camus, Émile Zola, Victor Hugo, Georges Simenon, Jean-Paul Sartre, Jacques Prévert e até mesmo Racine. O que se passa, em geral, é que as obras editadas de tais autores geralmente se restringem a títulos já conhecidos.

Os clássicos romances de Jules Verne, **Viagem ao centro da terra**, **Volta ao mundo em 80 dias** e **Cinco semanas em um balão**, são as principais escolhas editoriais para o autor. No caso de Balzac, prevalecem **O Pai Goriot**, **Ilusões perdidas** e, sobretudo, **A mulher de trinta anos**. Dumas pai é editado com **A Rainha Margot** e **Os três mosqueteiros**. Dumas filho apenas aparece com o volume **A Dama das camélias**. Émile Zola tem uma única obra editada, o livro **Germinal**, como se seu trabalho pudesse se reduzir a esse volume. Já Georges Simenon, autor de obras que agradam o grande público, sempre teve uma publicação regular no Brasil com suas novelas policiais cujo personagem principal é o Inspetor Maigret.

Os resultados iniciais da pesquisa vão de encontro aos apresentados pela professora Marta Dantas em seu artigo intitulado “Tradução e globalização editorial: o fluxo de traduções da literatura francesa no Brasil entre 1984 e 2002”, publicado na revista **Cerrados**, em 2007. Há uma diminuição do número de obras publicadas, com pouca variação de títulos, bem como uma gama menor de novos autores. De acordo com a autora, a publicação de títulos e autores aprovados pela tradição literária e pelo sucesso editorial é uma venda assegurada e de menor risco, por isso a

preferência dos editores pela reedição e, como vimos, pela reimpressão de títulos.

No período mais recente da pesquisa de Dantas, de 1995 a 2002, a estudiosa observa que a publicação de autores “clássicos” diminuiu, tendo sido estes substituídos por escritores reconhecidos pelo mercado, como é o caso de Christian Jacq, tendência reiterada em nossa pesquisa. A autora levanta a hipótese de que

Esse conjunto de dados confirma uma tendência verificada internacionalmente nas economias globalizadas. Se a globalização vem favorecendo a circulação internacional de idéias e, consequentemente, fazendo da tradução um veículo estratégico desse comércio, o fenômeno de unificação editorial, cuja manifestação mais nítida se verifica no domínio crescente exercido pelas lógicas econômicas e pela dominação anglo-americana, representa uma ameaça à expressão da diversidade. (DANTAS, 2007, p.49-50)

Deste modo, embora haja uma facilidade maior no acesso a obras de literatura francesa, em virtude da chamada globalização, as editoras não têm contribuído, através de suas escolhas, para uma ampliação do conhecimento da cultura francesa no Brasil. Contrariamente, o panorama fornecido através das publicações apresenta uma parcela cada vez mais reduzida da diversidade literária francesa, o que resulta em uma visão distorcida do cânone literário do país.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] CASANOVA, Pascale. *A república mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- 2] DANTAS, Marta Pragana. Tradução e globalização editorial: o fluxo de traduções da literatura francesa no Brasil. *Cerrados*, Brasília, n.23, ano 16, 2007a, p. 39-51.
- 3] GUERINI, A.; TORRES, M.C.; COSTA, W.C.(Orgs.) *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- 4] SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- 5] TORRES, Marie-Hélène Catherine. Balanço e perspectivas da literatura francesa traduzida no Brasil de 1970 a 2006. *Cerrados*, Brasília, n.23, ano 16, 2007, p. 39-51.

---

**i Josely Bogo Machado SONCELLA, Doutoranda**  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
josely@hotmail.com